

# Museu resgata a trajetória do Senado Federal

*A história da câmara alta brasileira é lembrada com objetos de arte, fotos e peças utilitárias*

Com a inauguração do Museu do Senado Federal, que acontecerá às 17h de hoje, na antiga sala Filinto Muller, estará registrada permanentemente, a trajetória do Senado brasileiro, do Império à República. As sedes que o abrigaram no Rio de Janeiro — Palácio do Conde dos Arcos (1826/1924) e o Palácio Monroe (1925/1960) — reúnem-se ao Palácio do Congresso Nacional através de um acervo de peças artísticas, utilitárias e fotografias.

O plenário do Palácio do Conde dos Arcos, adaptado posteriormente para o Palácio Monroe, constitui-se em uma das grandes atrações do museu. Sua montagem integral permite não apenas um contato com a História do Senado, mas também com as inovações tecnológicas que se processaram ao longo do tempo: Os microfones enormes destinados à cada um dos senadores datam de sua transferência para o Palácio Monroe.

Outra curiosidade de época é marcada pelas urnas eleitorais em prata, que mais se assemelham a anforas de igreja. Nelas, os votos dos senadores eram depositados por escrito, em papéis. Mais adiante passou-se a usar urnas de madeira. Sendo que em 1956 foi instalado o sistema de votação eletromecânico, e em 1972, a votação passou a ser feita pelo sistema eletrônico-computadorizado.

Esta reconstituição histórica começou a ser empreendida pela Secretaria de Documentação e Informação do Senado há quatro anos, junto com as Secretarias de Engenharia e Patrimônio. Porém, “caso não contássemos com o apoio de d. Carmem Carneiro, esposa do senador Nelson Carneiro, a idéia do museu não teria sido concretizada”, garante a diretora de Documentação e Informação, Fátima Freitas.

D. Carmen — que juntamente com o marido, inaugura hoje o Museu do Senado, contando com a presença de embaixadores e ministros de estado — supervisionou, ontem, os últimos retoques da montagem do acervo. Entre fotografias do Palácio Monroe, datadas de 1955, onde as mulheres aparecem usando chapéus e os homens ternos de linho branco, ela declarou ser de fundamental importância o cultivo da memória visual.

“Como alguém vai recordar de algo que não viu?”, pergunta d. Carmen, acrescentando que, da forma como o museu foi idealizado, haverá possibilidade de, em visitas, 200 crianças aprenderem história de uma vez. “Este tipo de riqueza não pode ser passado

VANDERLEI POZZEMBOM



**D. Carmem Carneiro mostra uma das raridades que compõem o museu**

pelos livros”, salienta. Conhecedora de cada uma das peças históricas que compõem o acervo, cita várias com ênfase especial. Entre elas, a pinacoteca e os diversos objetos doados pelos senadores.

Di Cavalcanti, Rebolo, Djanira e Telles deixaram a residência oficial do Presidente do Senado. Já entre as relíquias encontram-se um isqueiro e uma caneta de ouro, doados por Iracema Portela, viúva do senador Petrônio Portela; uma caneta de pena, em forma de pena de ouro, que pertenceu à Getúlio Vargas, foi doada por Alzira Vargas, que também doou um porta-cartão de ouro pertencente a Amaral Peixoto. A contribuição de Pompeu de Souza foi uma peça de porcelana de seu avô, senador na época do Império. O senador Nelson Carneiro doou um presente oferecido a ele por João Goulart — o lançamento dos primeiros selos de Brasília.

O Museu do Senado, que será incluído nos roteiros turísticos do Detur, revitaliza ainda a sala Filinto Muller, um espaço reservado,

praticamente ocioso. Apesar de contar com grande número de peças, o museu está sendo considerado por seus organizadores ainda em fase embrionária.

Entretanto, este embrião já permite ao visitante passar horas a fio num exercício de garimpagem. Além dos detalhes do mobiliário do Palácio Monroe — peças de madeira-de-lei, confeccionadas artesanalmente pelos presidiários da Penitenciária do Rio de Janeiro e pela famosa Casa Leandro Martins — os estilos de época podem ser apreciados e estudados. Como exemplo, as bancadas, a mesa diretora e as estantes do Plenário possuem o estilo neoclássico, com típicos detalhes em *Canelura*, folhas de acanto e rosáceas.

O estilo Luís XVI também poderá ser constatado, bem como as riquezas do tapete persa — Saruck — do princípio do século. Peças em bronze, como uma escrivaninha/tinteiro; ou em madeira, como o relógio do plenário também estão lá para contar a História.

■ **Mônica Silva da Silveira**